

25 AGO 1990

Oposição busca líder



A liderança do Governo no Congresso mostrou-se desarticulada, uma vez mais, durante o esforço concentrado desta semana. Mas ganhou. O Governo obteve o que queria. Pior foi a Oposição. Conseguiu maioria, sem nada levar. E, também como sempre, não alcançou o essencial, que é um comando único, coordenado. Ainda por cima, inexiste a expectativa de que, mesmo na próxima legislatura, venha a estruturar-se de forma eficiente.

Para se perceber a gravidade do problema, basta tentar responder a uma pergunta simples. Quem é o líder da Oposição no Congresso? Não existe. Luís Inácio Lula da Silva seria a opção natural, mas o candidato petista à Presidência não mostra muita afinidade com as filigranas regimentais da ação parlamentar e nem se candidatará à reeleição. Além disso, contando com uma bancada pequena e ainda por cima marcada por posições frequentemente radicais, o PT não tem como catalizar a Oposição. A situação do PDT, excessivamente marcado por sua vinculação com uma figura carismática e centralizadora, não é muito diferente.

A indicação natural para liderar a Oposição seria o peemedebista Ibsen Pinheiro, que em tese comanda a maior bancada do Congresso. Só em tese. Todo mundo sabe que o PMDB está dividido ao extremo e que Ibsen não tem como controlar seus liderados — que de resto fazem o que bem entendem, votando com o Governo quando querem e ignorando solememente as orientações da liderança. Sorte melhor tem Euclides Scalco, do PSDB, que conseguiu a coesão de sua bancada e é reconhecido como o mais eficiente articulador de todos. Na prática, o perfil que hoje mais se aproxima de um líder da

Oposição corresponde ao seu. Só que Scalco não estará no próximo Congresso, enredado em uma surpreendente candidatura a vice-governador do Paraná.

No Senado, o quadro é o mesmo. A bancada do PMDB mostra-se ainda mais estilhaçada que a da Câmara, dificultando ao líder Ronan Tito, ainda por cima ausente em campanha, a tomada de qualquer posição mais firme. Lá, o PT não existe e o PDT apresenta uma estranha configuração ideológica. Já o PSDB, moldado em função de configurações regionais, não mostra a mesma definição oposicionista da Câmara. Até seu líder, Fernando Henrique Cardoso, não esconde sua afinidade com muito do que o governo Collor representa. Pedidos seus têm sido atendidos pelas autoridades e ele voltou a frequentar listas de ministeráveis.

O fator mais relevante, porém, tem caráter regimental. Tanto na organização da Câmara quanto do Senado não se prevêem as figuras de líder do Governo e líder da Oposição, mas sim da Maioria e da Minoria. Poderia ser apenas uma questão de nomes. Há, porém, um pormenor extremamente importante. É que para compor a Maioria ou a Minoria não se unem pessoas, mas bancadas. Com isso, o PMDB, por exemplo, precisaria definir-se por um lado e unir-se a outros partidos em um bloco de tendência clara. A fragmentação de diversas bancadas impede que isso aconteça.

Mais decisivo, entretanto, é o fato de que as atuais lideranças partidárias perdem peso. Os líderes caem a vice-líderes. Quem comanda o jogo é apenas o que se investir da Liderança da Maioria — ou da Minoria. Passam também para eles as prerrogativas que hoje cabem a cada um dos líderes de bancadas, inclusive das pequenas, como a indicação de membros das comissões, a elaboração da pauta e assim por diante. Sem falar em carros, funcionários e gabinete. A Oposição deverá ficar sem líder.